

COMO SE ESQUECER DE CENAS REPELENTES

Quem come em restaurante todo dia perde o gosto de um feijão bem temperado de caldo grosso, casado com um arroz de grãos independentes. A rotina, já dizem invariavelmente todos os que são ou foram casados, é a mãe da insipidez. Tudo que se repete volta sem cheiro, sem cor, sem gosto e sem graça. Talvez por isso, a gente pouco se dê conta de que nós, brasilienses de afeto, temos o privilégio de morar dentro de uma obra-de-arte. Mal representada,

é verdade. Basta lembrar as cenas repelentes ocorridas na Câmara Legislativa, na semana que passou. Ali ninguém era santo — à direita, à esquerda, no centro. “Usamos o mínimo de violência”, explicou-se, risivelmente, Gim Argelo, vice-presidente da Câmara Legislativa, depois do triste episódio.

Mas este texto não pretende tratar de gestos nada meritórios. Quer, isto sim, trazer de volta a idéia do possível, do factível, tal qual ele foi lançado há

44 anos. É do que Brasília está precisando, às vésperas de um aniversário redondo, ilhada por um sem número de problemas, atordoada por vaivéns administrativos e condenada atavicamente a ser confundida com os governos que aqui se alojam.

A obra-de-arte chamada Brasília sobrevive incólume a tudo isso — ufa! obras-de-arte são perenes. É verdade que as traças, os cupins e as baratas não distinguem um tijolo de um palácio assinado por Oscar Niemeyer. Por isso, elas precisam de manutenção, por isso conquistaram a categoria de Patrimônio Cultural da Humanidade. A cidade inacreditavelmente construída em menos de quatro anos, que surpreendeu a arquitetura

ÀS VEZES O OLHAR QUE VEM DE FORA NOS CHAMA PARA NÓS MESMOS. BRASÍLIA ESTÁ PRECISANDO DE LEMBRAR-SE COMO A CAPITAL DE BELOS SONHOS

mundial pela beleza cravada no sertão, até hoje é reverenciada, muito mais acolá do que aqui.

Exemplo disso é o interesse dos catalães pela capital de Lucio Costa e Niemeyer. No tempo que passou em Barcelona, a jornalista Graça Ramos foi alvejada por perguntas sobre Brasília, Niemeyer, os palácios dele, o funcionamento da cidade, o mito da bela capital construída do nada. Os catalães, terra de Miró, Picasso e Gaudi, têm a curiosidade sã dos que usu-

fruem a obra-de-arte no cotidiano. Essa sede de Brasília será de certo modo saciada na 1ª Bracelona — Olhar do Cinema/Arquitetura em Movimento, em Barcelona, nesta semana. A notícia veio em boa hora.

Às vezes, o olhar que vem de fora nos chama pra nós mesmos. Brasília está precisando disso, de lembrar-se como a capital dos sonhos desenvolvimentistas — para aproveitar termo tão em moda — como a cidade que virou o Brasil pro lado de dentro,



que mostrou ao mundo como um presidente bem-disposto, um

urbanista e um arquiteto geniais, e um administrador de obra determinado são capazes de fazer do sonho, concreto.

Portanto, na semana em que mais uma vez a Câmara Legislativa exibiu-se com a incivilidade da mais reles brigadego, vale lembrar que Brasília é um monumento ao desejo do homem de civilizar-se, de habitar o belo, de criar uma nova naturalidade, de cercar o homem com a natureza. Nem tudo deu tão errado assim.